

O COTIDIANO DA VELHICE EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA

Lucineide Xavier Nascimento ¹

Resumo. Quando as condições físicas não garantem mais a autonomia do indivíduo senescente, quando ele entra num quadro de dependência psíquica e quando a família não mais consegue ou deseja tê-lo sob seus cuidados, a institucionalização, embora possa lhe acarretar sentimentos distintos, passa a ser a alternativa para o tratamento da velhice. Este estudo teve uma abordagem qualitativa e foi desenvolvido em uma instituição asilar do município de Ilhéus-BA, objetivando apreender/compreender o significado de estar asilado para o idoso. A amostra constituiu-se de dez idosos, sendo cinco homens e cinco mulheres. A análise dos resultados possibilitou reflexões a respeito das dimensões que permeiam o estar idoso institucionalizado, podendo despertar sentimentos diversos e até ambíguos como amparo, acolhimento, solidão, abandono. Ficou evidenciada, assim, a necessidade de uma atuação interdisciplinar para que os idosos residentes no estabelecimento analisado venham a usufruir de uma qualidade de vida que corresponda às condições que lhes deveriam ser proporcionadas.

Palavras-chave: institucionalização, idoso, sentimentos.

¹ Assistente Social, Especialista em Gerontologia.

Abstract. When physical conditions don't assure autonomy to the aged individual anymore, when it gets in a physical dependence state and when the family can't or doesn't wish to have it under its care, the institutionalization, though it may carry distinct feelings, becomes the alternative for old age treatment. This study has had a qualitative approach, it has been developed in an asylum institution of Ilhéus city, Bahia, willing to learn/comprehend the meaning for the older of being sheltered in an asylum. The sample is composed of ten elders. With five are men and five are women. The results analysis has allowed many thoughts about the dimension that runs through the institutionalized elder state, which may awake distinct and even ambiguous feelings such as support, sheltering, loneliness, abandonment. Therefore it has been stated the need of an intersubject action so the resident elders in the analysed establishment may live a life quality corresponding to the conditions which ought to be given to them.

Keywords: institutionalization, elder, feelings.

INTRODUÇÃO

Atualmente, em decorrência dos avanços tecnológicos, e conseqüentes transformações que exacerbam o individualismo, atingem a emancipação feminina, o emprego e as formas para mantê-lo, tem havido modificações relevantes no núcleo familiar. Os papéis familiares estão sendo modificados, perdendo a estrutura antes conhecida para ceder espaço a novas configurações e constantes nego-

ciações no que se refere a direitos e deveres dos membros da família.

Com o crescimento da população idosa, os deveres para com esta população, especialmente a de baixa renda, vêm se traduzindo em necessidade de recursos cada vez maiores. No entanto, o volume de recursos que a família dispõe para suprir suas necessidades de sobrevivência vai depender do ciclo de vida familiar, em momentos específicos.

É nesse sentido que as modificações nas famílias contemporâneas acarretam um afastamento da relação filial por conta de uma sobrecarga de atividades, que tem levado à transferência de responsabilidades para outras instâncias, quase sempre as instituições asilares.

Entretanto, apesar de acompanhar as transformações em áreas as mais diversas, a família ainda possui um papel indispensável para o envelhecimento saudável do indivíduo e, por isso, é necessário que desempenhe suas funções econômicas, psicológicas e sociais junto ao seu idoso, atendendo as novas configurações de um mundo globalizado que passa por profundas mudanças, com reflexos nos micro e macro espaços sociais, culturais econômicos e políticos.

Aqui cabem alguns questionamentos para o prosseguimento desse trabalho: até que ponto as funções psicológicas são responsáveis pelo provimento do afeto, indispensáveis

à sobrevivência emocional e pela transmissão de experiências acumuladas, necessárias para o idoso participar da vida em grupo? As funções sociais desenvolvidas pela família hoje vêm preparando o indivíduo senescente para o exercício da cidadania através do cumprimento de seus direitos? Como a família assegura aos seus membros os meios de subsistência e bem-estar? E por fim, com que recurso conta essa família, considerando o crescente processo de exclusão para essa faixa etária da vida, a velhice, e para inúmeras famílias que vivenciam o desemprego e o subemprego? Estes são questionamentos que apontam para uma releitura da realidade da família na sociedade brasileira atual, na busca por analisar a tendência crescente da institucionalização da velhice.

Ao tempo em que o envelhecimento da população propicia e amplia as chances de maior convivência entre as gerações, o aumento da longevidade realça as possibilidades de conflito intergeracional. Os velhos passam a ser encarados como um peso social, que recebem só benefícios sem nada em troca; há uma predominância dos valores da juventude como os da beleza, da energia e do ativismo. A supervalorização da juventude leva o idoso a se sentir rejeitado, ainda que se reconheça o seu papel como transmissor da cultura e das raízes familiares, o que já mereceria atenção e cuidados mais intensos por parte da família.

As condições externas influenciam, sem dúvida, a unidade psicológica familiar de tal forma que, no seu bojo, trazem acontecimentos críticos que são intrínsecos e necessários para a evolução da família. O conflito causado pela obrigação dos filhos para com os pais idosos, quer seja pela luta acirrada pela sobrevivência, que sobrepuja as relações humanas, quer seja porque o envelhecimento é uma questão deveras complexa, dificulta o relacionamento diário.

O fato é que, na atualidade, há um aumento significativo de familiares à procura de uma instituição asilar para abrigar os seus idosos, diminuindo o “fardo” que os mesmos representam para as famílias. Desta forma, as casas-lares e asilos estão se tornando uma “válvula de escape” para as famílias com idosos mais fragilizados e debilitados sob a alegação de não possuir os conhecimentos técnicos adequados para o tratamento e cuidado, tanto da senilidade quanto da senescência.

Com relação aos 60% dos idosos desta pesquisa, cabe registrar que os seus familiares não fogem à regra das famílias brasileiras, as quais enfrentam problemas econômicos, de habitação, de emprego. Aliados a esses fatores estão as mudanças de valores que submetem o idoso à rejeição e ao desrespeito. Assim, embora morando com seus familiares, idosos sentem-se relegados à solidão, privados de sua autoridade, desrespei-

tados e tendo os seus projetos de vida ceifados, conforme se verifica nos depoimentos colhidos junto a idosos que entrevistamos: *Eu tinha dois barraco: um eu dei para a minha mulher e o outro eu morava com os neto. Eles eram ruim pra mim, me judiava, eu não tinha direito a nada (77anos); ... a velhice chegou e as minhas noras não quiseram mais ficar comigo, nem os filhos. (80 anos).*

Em suma, o que deve ser motivo de reflexão e questionamento nesse contexto é que, independente do arranjo familiar ou da forma como vem se estruturando, a família deveria desempenhar o papel fundamental como alicerce e apoio emocional indispensáveis ao envelhecimento saudável.

2. O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE PESSOAS

O número de admissões em instituições asilares também tem aumentado gradativamente, acompanhando o crescimento da longevidade humana. Para compreender esse aumento, também verificado no Abrigo São Vicente de Paulo em Ilhéus-Bahia, como uma questão social concretamente configurada, supõe-se necessário entender como surgiu e quais as conotações que o processo de institucionalização de pessoas tem assumido ao longo do tempo.

Nos séculos XVII e XVIII tinha-se a crença

de que a convivência com seres humanos qualificados como geradores de ameaça, a exemplo de indigentes, vagabundos, preguiçosos, deficientes físicos, doentes mentais, prostitutas e os velhos abandonados deveriam ser recolhidos e afastados do convívio social, objetivando a proteção dos cidadãos contra o mal social que eles supostamente representavam. Essa institucionalização de pessoas tinha a intenção de organizar e manter a ordem das sociedades de classe, acentuando com essa prática o processo de exclusão social.

A literatura dá conta de que: 1) os asilos para idosos, em vários países do mundo, nasceram como um serviço para abrigar pobres, sem família, muitos em estado de mendicância. Antes da existência de asilos de velhos, eram eles abrigados em asilos de mendicidade, juntamente com outros pobres, desempregados, crianças abandonadas, doentes mentais (BORN, 1996, p. 404); 2) disciplinarização do meio urbano para explicar o surgimento e ascensão do asilo e de instituições similares de exclusão em detrimento da essência da questão, que seria a emergência de uma economia de mercado capitalista e a mercantilização decorrente (CUNHA, 1988, p.22) e 3) a partir da desintegração da célula familiar, da urbanização da sociedade e dos poucos recursos dos velhos (BEAUVOIR, 1990, p. 301). A suposição, pois, é de que se fazia necessário defender as pessoas de idade avançada, ma-

terial e moralmente, do descaso, da exclusão, da solidão e do desconforto, construindo residências onde todos os indivíduos pertencentes à mesma faixa etária pudessem conviver.

Realça-se aqui que os asilos são instituições com características religiosas e/ou filantrópicas, que abrigam idosos com a finalidade de assisti-los em suas necessidades básicas, representando a instituição mais antiga de atendimento ao idoso fora do seu ambiente familiar, datando o seu surgimento do século XVIII na França, através da Sociedade São Vicente de Paulo - SSVP, organização católica formada por pessoas caridosas, fundada em 23 de abril de 1833 por Frederico Ozanan, na Universidade de Sorbone/Paris, França. A Holanda e a Inglaterra foram pioneiras em qualidade na construção de habitações destinadas a pessoas idosas.

Born (1996) afirma não haver, com exceção de um estudo efetuado por um sociólogo francês a respeito de programas destinados a idosos no Brasil, nenhum outro que possibilite traçar o perfil das instituições asilares no País. Sabe-se, contudo, que as ações caritativas foram impulsionadas pela fundação da primeira unidade Vicentina em solo brasileiro, no Rio de Janeiro, incentivando outras sociedades beneficentes a atuarem por meio de atividades de acolhimento às pessoas mais carentes, incluindo neste universo os idosos, sem discriminar as opções políticas ou reli-

gias, bem como etnia e nacionalidade.

As análises sobre instituições asilares ora as colocam em caráter caritativo, religioso, instituição total (GOFMANN, 1999) ou até como depósito de velhos que se apresentam à sociedade como organizações racionais ou, ainda, como casas inapropriadas para o idoso e inadequadas às suas necessidades, uma vez que não lhes oferecem assistência social tampouco cuidados básicos de higiene e alimentação (VIEIRA, 1996). Além disso, dificultam as relações interpessoais no contexto comunitário, indispensáveis à manutenção do interesse do idoso pela vida e pela construção da sua cidadania.

No Brasil, através da Política Nacional do Idoso² e do Estatuto do Idoso³, foram elaboradas leis que visam regulamentar as casas de longa permanência, priorizando a melhoria nas condições de habitabilidade e adaptação de moradia, buscando a redução das barreiras arquitetônicas e facilitando a acessibilidade dos usuários dentro de padrões geriátricos/gerontológicos que atendam as necessidades de locomoção e permanência nesses ambientes. Sabe-se, porém, que a otimização dessas exigências só será possível a longo prazo.

Todavia, o alicerce para que as institui-

2 Lei 8.842 de 04 de janeiro de 1994

3 Lei 10.741 de 01 de outubro de 2003, que entrou em vigor em janeiro/2004

ções asilares possam realmente se adequar e suprir os anseios da população idosa foi construído. O processo de transição sob o qual o idoso é submetido ao ser admitido em uma instituição asilar é bastante complexo uma vez que há uma mudança abrupta de vida e de relações interpessoais, que Goffmann (1999) caracteriza como uma despedida e um começo. Quando a institucionalização acontece mediante realização do desejo do indivíduo senescente como ocorre com 40% dos idosos pesquisados, a instituição apenas redefine a ruptura com o ambiente doméstico que já havia sido iniciada anteriormente no seio familiar, conforme depoimento seguinte: *Pedi a uma amiga para arranjar um lugar pra mim porque na casa de minha prima onde eu morava não dava mais pra ficar. Aí ela me trouxe pra conhecer o Abrigo dos velhos. Gostei e no dia seguinte juntei os meus trapinhos e vim embora. (idosa, 77 anos)*.

As instituições de longa permanência refletem um misto social que contempla comunidade residencial e organização formal. Assim, voluntária ou involuntariamente, o que ocorre na maioria dos casos e especialmente com os idosos da pesquisa (60%), a partir de sua admissão, desencadeia um processo de perdas e mortificação do sujeito. Perdem-se os contatos sociais e a autonomia (capacidade e direito do indivíduo poder eleger, ele mesmo, as regras de sua conduta, a orientação de seus

atos e os riscos que está disposto a correr). Segundo Goffmann (1999) a barreira que segrega o idoso asilado e o mundo exterior assinala a primeira mutilação do sujeito. Ainda conforme o pensamento do autor, esse correr riscos da pessoa idosa pode ser assim avaliada:

na vida civil, a seqüência de horários dos papéis do indivíduo, tanto no ciclo vital quanto nas repetidas rotinas diárias, assegura que um papel que desempenhe não impeça sua realização e suas ligações em outro. Nas instituições totais, ao contrário, a participação automaticamente perturba a seqüência de papéis, pois a separação entre o internado e o mundo mais amplo dura o tempo todo e pode continuar por vários anos. (GOFFMANN, 1999, p.24)

Ainda no processo de admissão institucional verifica-se a perda da propriedade. Esse aspecto é de suma importância para ser analisado porque todo ser humano atribui aos seus pertences o sentimento do eu. Ao ser institucionalizado e ser destituído de seus bens, a instituição normalmente providencia algumas substituições; entretanto, estas são de forma padronizada e uniformemente distribuídas bem como claramente marcadas como pertencentes à instituição e não ao sujeito. Já os objetos de uso pessoal (retratos, quadros, dentre outros) do idoso, no momento da institucionalização, possuem estreita relação com o seu eu e assumem intensa significação por

representar fragmentos da sua história e trajetória de vida e, em conformidade com o pensamento de Born (1996, p.411):

permitir que o idoso leve seu próprio mobiliário ao ingressar na instituição (ou pelo menos alguns pertences seus uma cadeira, mesa de cabeceira, um quadro) dará um toque familiar ao ambiente, permitindo estabelecer uma continuidade com o passado. Um ambiente familiar pode diminuir a ansiedade do idoso provocada pela mudança radical que ele teve de fazer.

Goffmann (1999) sugere que uma instituição realmente comprometida com o sujeito que acolhe deve saber interpretar o que exclui e deforma, e saber ainda qual a diferenciação típica dentro de cada um dos grupos, além do que alguém da equipe dirigente deverá saber lidar com todos os seres que compõem as relações dos asilados e passar parte do tempo em contato direto com os mesmos, dando atenção sistemática a essas diferenças no interior das categorias.

As casas de longa permanência são importantes à proporção que possuam um corpo profissional interdisciplinar capacitado, que utilizem as técnicas adequadas no tratamento pessoal e psicossocial do idoso e que desenvolvam ações e atividades gerontológicas que promovam o bem-estar e o envelhecimento mais saudável. Hodiernamente, ainda

existem inúmeras instituições asilares que, conforme Goffmann (1999), parecem funcionar como depósitos de velhos mas que, usualmente, se apresentam ao público como sendo organizadas e conscientemente planejadas para atingir determinadas finalidades.

Existem algumas unidades de atendimento ao idoso que buscam romper com as formas tradicionais de institucionalização de longa permanência, mas continuam apresentando diversos problemas em seu funcionamento, pois, o ideal a ser atingido seria a manutenção do indivíduo senescente dentro do contexto familiar. Sobre essa assertiva, ainda utópica, Born (1996, p.403) afirma que:

a internação deve ser a última alternativa, tanto por considerações de ordem econômica, como de ordem humana, depois que todas as outras foram pensadas e esgotadas. Feliz o idoso que pode permanecer até o fim dos seus dias na sua própria casa, cercado por familiares que aliam amor e competência técnica para cuidarem dele, dispondo de espaço habitacional e dinheiro para prover suas necessidades.

O Abrigo São Vicente de Paulo, local desta pesquisa, está inteiramente voltado para a promoção humana, reunindo indivíduos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, considerado idoso⁴. O objetivo principal da En-

4 em conformidade com o capítulo I, art. 2º da Lei 8.842 de 04 de

tidade é socorrer a velhice desamparada, procurando assisti-la material e espiritualmente.

No decorrer dos seus oitenta e nove anos de existência, passou por inúmeras gestões administrativas cujo propósito foi alicerçado na beneficência e filantropia. Todavia, somado a este propósito, a atual gestão possui ainda qualificação geriátrica/gerontológica, o que terminou gerando para o Abrigo uma efetiva proposta de reorganização e reformulação não só estrutural como ideológica, em programas e serviços que são oferecidos no cotidiano dos que dele dependem. Essa conquista se deu por um somatório de atitudes: criação de um ambiente físico adequado através da reforma estrutural e arquitetônica⁵, respeito e valorização do idoso e ações reais desenvolvidas por profissionais norteados por conceitos e conhecimentos geriátricos/gerontológicos que visam promover o bem-estar e a melhoria na qualidade de vida dos anciãos.

A meta é atender a 100 (cem) idosos de ambos os sexos, oriundos de famílias carentes ou destituídos do núcleo familiar, natural de Ilhéus e municípios circunvizinhos. A en-

janeiro de 1994 que dispõe sobre a política Nacional do Idoso, assim como do Título I, art. 1º da Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso.

5 Fundamentada nas Normas de Construção e Funcionamento de Casas de Repouso, Clínicas Geriátricas, Portaria 810/89 do Ministério da Saúde- Brasília.

tidade oferece assistência psicossocial, geriátrica, nutricional, fisioterápica, sócio-cultural, recreativa e religiosa. A assistência utiliza práticas grupais e individuais. Tais abordagens objetivam o envolvimento da comunidade com a intenção de minimizar o isolamento do idoso e incentivar o trabalho voluntário. O Serviço Social, visando contribuir para a melhoria do bem-estar dos idosos ali residentes enfatiza a socialização e interação entre os mesmos através de ações sócio-educativas e de lazer para um ambiente e convívio harmoniosos.

O Abrigo tem desempenhado um imprescindível papel no sentido de facilitar as vivências e buscar manter os papéis sociais dos indivíduos idosos promovendo, para tanto, cursos de capacitação para os seus funcionários, surgindo como um modelo diferenciado, na região, de unidade de atendimento gerontológico. Contudo, não deve ser considerado um modelo perfeito e acabado, devendo passar periodicamente por processos de avaliação contínuos que evitem as ações rotineiras/ automatizadas/ inadequadas e possibilitem a humanização da assistência.

3. COTIDIANO DO IDOSO ASILADO: SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES

Conceituar o cotidiano é imprescindível para compreender a dinâmica do envelheci-

mento em uma instituição de longa permanência, uma vez que não é possível apreender a vida humana sem o cotidiano. Este se faz presente em todas as esferas de vida do indivíduo, passando pelo trabalho, pelas relações familiares, relações sociais e relações afetivas.

Para Certeau (1996, p.31) o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior.

Em instituições asilares, a exemplo do ASVP de Ilhéus-BA, essas atividades rotineiras do cotidiano estão presentes com grande intensidade, tendo em vista que é necessário o estabelecimento de regras de condutas, horários e obrigações para o bom funcionamento da unidade e o convívio em grupo. Mas onde está a autonomia do idoso quando passa a residir em uma instituição de longa permanência? Na verdade a autonomia fica submetida a normas de convivência que garantem a organicidade da vida cotidiana. A rotina, característica da cotidianidade, é feita exatamente desta sucessão linear e repetitiva. Destarte, no ASVP de Ilhéus-BA, essa sucessão linear e repetitiva de ações se traduz

diariamente no café da manhã às 7:00h, banhos no turno da manhã, almoço às 11:00h, visitas de 14:00h às 16:00h, jantar às 17:00h e ceia às 20:00h. Entretanto, para os idosos que estão em processo de adaptação à rotina institucional, há uma ruptura em seus antigos costumes, o que não deve ser tão fácil, pela sedimentação de alguns deles. Por isso, visando amenizar o impacto dessa mudança, os funcionários da instituição estão orientados a dispensar uma atenção especial aos novos admitidos auxiliando-os no cumprimento dos horários até que haja uma nova configuração nos hábitos destes idosos consoantes com os pré-estabelecidos pela unidade. Frequentemente, se verifica que os procedimentos utilizados são de arrumação para um melhor enquadramento do indivíduo ao local de acolhimento, onde o novo admitido ao receber instruções e regras das rotinas diárias, passa a ser codificado num objeto que pode ser colocado dentro da máquina administrativa do estabelecimento que o acolhe, portanto, pronto para ser modelado pelas operações de rotina.

Agnes Heller (2000, p.17) afirma que:

a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Afirma ainda que a vida cotidiana é

a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias.

Assim, embora essa obediência à rotina institucional possa soar como uma forma de alienação ao indivíduo idoso, é importante salientar que em todas as faixas etárias da vida humana são necessárias regras, não só de conduta mas de ações hierarquizadas para nortear e orientar a vida em sociedade.

As instituições asilares, embora apresentem o inconveniente de favorecer o isolamento e a inatividade física e mental das pessoas idosas, encontram-se como a alternativa viável para os casos onde a vulnerabilidade do sistema familiar está instituída e onde os arranjos domésticos não possuem mais espaço para o idoso. Assim, para os idosos que a experienciam, a vivência asilar assume a forma de acolhimento para uma velhice digna e amparada, mesmo quando o sentimento de abandono habita o mais íntimo de seu ser, conforme relato dos idosos entrevistados abaixo em relação ao gostar ou não de residir em uma instituição de longa permanência: *Eu não gosto não. Eu queria era voltar para o meu barraco. (ídosa, 77anos); Eu gosto porque*

eu não tenho para onde ir. Aqui eu tenho onde dormir, tenho roupa, tenho comida e ainda tenho um dinheirinho pra tomar meu carote⁶. (68 anos); Eu não tenho outra escolha. Estou aqui e tenho que achar bom. Vou sair daqui pra onde, se os meus filhos não me quer? (80 anos).

A percepção do idoso asilado sobre o significado de ser velho perpassa por diversas facetas que vão desde a felicidade de poder desfrutar das experiências adquiridas no decorrer de toda a sua existência, até as lamentações pelas limitações físicas advindas com o avanço da idade, confirmando, dessa forma, que o envelhecimento impõe mudanças e sensações que variam de indivíduo para indivíduo. Todavia, seguindo sempre um processo até então inevitável é indispensável algum tipo de adaptação de quem o vivencia. Esta adaptabilidade envolve características várias (somáticas, afetivas, psíquicas, entre outros) que culminam ações dúbias e contraditórias no que diz respeito ao comportamento de determinados idosos que fazem deste um momento único e intransferível: *Agradeço a Deus todo dia por ter ficado velho, porque a maioria do meu povo já morreu, então ficar velho é uma bença. (Idoso, 67 anos)*

Neste depoimento é intensa a expressão de gratidão para com Deus, percebendo a velhice como dádiva. Ressaltando assim, a visão de

⁶ O termo correto é "corote" e significa um tipo de bebida alcoólica.

que nessa etapa da vida as questões de ordem existencial tendem a se acentuar, conduzindo a uma reflexão mais profunda sobre o viver e a possibilidade de abertura com conexão para a espiritualidade através da experiência religiosa de vida acumulada que leva o idoso a transcender o ego: *Ser velho é muito ruim, deixa a gente sem serventia, o corpo não presta, as pernas duras não me deixa caminhar direito. É muito triste envelhecer.... (77 anos)*. Esse depoimento reforça mitos e conceitos já estabelecidos em nossa sociedade em torno do envelhecimento, compreendido a partir de uma visão biológica que enaltece o corpo na juventude para negativizá-lo na velhice.

Também com base nesse depoimento é possível constatar como cada um avalia e percebe o processo de envelhecimento a seu modo, com base em suas próprias vivências e experiências, passadas e presentes. No entanto, a velhice deve ser contextualizada na diversidade das relações sociais e históricas, o que faz com que a representação social da velhice esteja sujeita a interferência de valores, estigmas e estereótipos sociais que desencadeiam no idoso a internalização e reforço da representação da imagem ameaçadora da velhice. Exemplos: *eu sempre pedi a Jesus para na minha velhice ter alguém que me ajudasse. As pessoas planta na mocidade o que colhe na velhice. Às vezes faz coisas que não agrada a Deus. Tenho quem me ajude na velhice e isso é muito importante... (77*

anos); a gente passa a depender de todo mundo, não agüenta mais fazer as coisas. Mas eu acho bom, velho é mais experiente, mais esperto, a gente conhece melhor a vida e as maldades do mundo. (96 anos).

O idoso interioriza seu passado tendo por alicerce as situações vivenciadas que se transformam em atitudes afetivas distantes. Está intimamente relacionado ao passado porque é este quem define a sua situação atual e a que se projeta para o futuro. O idoso traz consigo as limitações físicas que enfraquecem o seu corpo, os legados culturais dos quais se utiliza, traz as suas próprias experiências, as relações interpessoais, o orgulho do labor desempenhado, os direitos e obrigações consolidados. Esse somatório de ações volta sempre para transformá-lo no idoso que é hoje, eivado de sabedoria e memória, ingredientes que favorecem e fornecem subsídios para aceitar e vivenciar a sua condição de idoso institucionalizado.

Beauvoir (1990, p.549) diz que enfraquecido, empobrecido, exilado no seu tempo, o velho permanece, no entanto, o homem que era: *Eu sempre trabalhei desde menino. Trabalhava nas fazendas de cacau dos outros. Nunca tive estudo, mas nunca fui um nego malcriado pra branco. Por isso todo lugar que eu trabalhava era bem tratado. Também nunca quis casar. Naquele tempo cacau dava dinheiro, então eu era abonado: tomava minha cachacinha, andava bem trajado e não faltava mulher pra*

mim. Mas aí fui ficando velho,... Como eu não dava mais para lida, meu patrão me botou aqui no Abrigo. Passei mais de um ano aqui ... Deus que me livrasse de passar o resto da vida aqui. Eu fui embora. Só que já estava velho efiquei sem saber o que fazer: não era aposentado, não tinha parente e nem tinha para onde ir. Então eu voltei pro Abrigo e pedi pra ficar. Já to aqui há quatro anos e to feliz. Aqui já me aposentaram, como todo dia, visto a roupa que me dão e do dinheiro que recebo compro meu 'carote' que a senhora sabe tem que tomar uma que é pra poder agüentar essa vida. Hoje eu não sou ninguém e sei que vou morrer e não vou fazer falta. Por isso bebo mesmo. (68 anos)

No depoimento acima observa-se, consoante com o que afirma Py (2004, p.134), o uso do vigor do corpo, alcançando extremos, no sentimento onipotente que viceja na juventude e na vida adulta, oposto à depreciação do corpo velho.

A duração da vida em geral foi prolongada, tendo sido formado a partir disso um grupo mais importante de velhos. Por outro lado não foi dada atenção especial às necessidades dos senescentes e a inteira responsabilidade foi delegada aos próprios ou à sua família. Quando esta não provém de meios, desejo, condições financeiras para suprir as necessidades dos idosos, a solução seria a institucionalização. Entretanto, surge um questionamento sobre a eficácia das pessoas idosas serem afastadas do

convívio social e agrupadas em um lugar específico para velhos. Este questionamento poderá ser respondido através das falas de idosos institucionalizados quando expressaram a frase ou palavra que representava o sentimento de estar residindo em uma instituição de longa permanência. Sentimentos de amparo, agradecimento, atenção, convivem com sentimentos de abandono, solidão.

Analisar o cotidiano de um idoso asilado é, antes de tudo, tentar compreender a sua história de vida, a sua trajetória, os seus sucessos e fracassos, os relacionamentos estabelecidos ao longo de sua caminhada de vida. É, acima de qualquer coisa, refletir ainda sobre a sua percepção como morador de uma instituição de longa permanência, onde a perspectiva de contato com a vida não institucional esvaziou-se de sentido porque, para alguns não se espera mais do que a chegada da morte. - *Eu resolvi vim para o Abrigo porque eu morava na roça, meu marido já tinha morrido e eu morava sozinha. Nunca tive filhos, todo mundo na minha família morreu: meu pai, minha mãe, meus irmãos e meu marido.... Foi quando eu esperei meu sobrinho chegar de Brasília e pedi a ele para me trazer pro Abrigo dos velhos. Eu já tinha ouvido falar mas não conhecia. Eu vim visitar e gostei e resolvi morar de vez. Eu gosto daqui, vivo no meu cantinho, não mexo com ninguém.... A minha esperança era que no começo des-*

se ano meu sobrinho vinha de Brasília passar férias e eu ia pedir para ir morar com ele. Mas ele morreu antes de vir e minha esperança também. Deus quis assim. Fazer o quê? Agora é me conformar com o meu destino até o dia que a morte chegar e assim eu vou vivendo como Deus quer (77 anos)

Assim, fora do âmbito familiar, as instituições asilares aparecem como um dos modelos mais antigos de unidade de atenção ao idoso. Como as separações e perdas também fazem parte do ciclo de vida familiar, há rupturas e separações que são vividas de forma traumática e esses processos são lentos e permeados por sentimentos de frustração, desilusão, revolta ou culpa.

A institucionalização favorece o isolamento familiar e social, decorrente da ruptura e, conseqüentemente, acarretando perdas significativas para o processo de envelhecimento, levando em consideração que, geralmente, as perdas já fazem parte de uma história de vida, eivada de sofrimentos, conforme se verifica no relato abaixo. É necessária uma nova configuração nas relações e nos projetos de vida para que a separação e o abandono sejam melhor elaborados e as perdas superadas com menos sofrimento. - Minha vida sempre foi muito difícil. Não pude estudar porque meus pais eram pobres e não tinha dinheiro pra isso. Tudo lá em casa era com muita dificuldade. Minhas irmãs e eu era muito pre-

sa, meu pai não deixava a gente sair porque para ele mulher não podia ficar na rua senão dava pra vagabunda. Ele era ignorante e batia muito na gente. Eu casei cedo pra me livrar de tanto sofrimento. Mas não adiantou porque meu marido também era ruim e eu tive cinco filhos: três homens e duas mulher. Passei a vida inteira me dedicando a eles, eu era uma boa mãe, tentei passar pra eles o que eu não tive. Agora eu estou aqui. Meu marido morreu e passei a ficar um tempo na casa de cada filho. Aí a velhice chegou e as minhas noras disseram que não tinham obrigação de cuidar de mim. Minhas filhas dizem que os maridos não gostam quando eu fico lá. Daí que eles decidiram me botar aqui no Abrigo. Nem me perguntaram se eu queria. Quando eu vi já estavam me trazendo. Fiquei muito triste, nunca pensei que eles fosse capaz de fazer isso comigo. Mas a vida é assim mesmo. As meninas que trabalham aqui me tratam bem, mas não é nunca como a casa da gente. Meus filhos quase não vem me visitar, diz que não tem tempo. É assim, depois que a gente fica velho vira lixo e ninguém quer mais. Eu tento esquecer isso e passo o meu tempo fazendo costuras, tapetes para esquecer as angústias da vida. Aqui no Abrigo é bom, mas eu queria mesmo era tá em casa. (Idosa. 80 anos).

Nesse depoimento verifica-se a presença da violência doméstica refletida na autoridade dos pais, onde a intenção de transmitir regras

de conduta “decentes” choca-se com ações que comprometem o desenvolvimento do cidadão enquanto ser de direitos. É importante lembrar que, também contra os velhos, a violência se espalha nos âmbitos interno e externo à família. Essa violência se traduz em descaso, abandono, desrespeito e falta de comunicação, onde não só há perda de interação intrafamiliar, mas perda do espaço.

Finalmente, o desenvolvimento deste estudo permitiu constatar que o asilo apresenta-se como uma alternativa dos idosos de baixa renda que, por não serem mais produtivos, ficam à margem da sociedade e, conseqüentemente, resumidos a esse espaço. Entretanto, nos dias de hoje, o perfil de pessoas que buscam o apoio de uma instituição de longa permanência vem se transformando. Há, também, familiares de idosos de classe social mais elevada que solicitam a internação por não disporem de recursos técnicos adequados para o trato da senectude.

Verificou-se que o estar idoso asilado é uma condição deveras complexa e individualizada, interferindo diretamente nos aspectos de cunho biológico, cultural, social, psicológico e espiritual. O sentimento de acolhimento ou abandono é uma questão intrínseca a cada ser humano que o vivencia de acordo com a história de vida construída em fases pretéritas. Assim, podem ser desencadeados no indivíduo senescente, sentimentos distin-

tos e, às vezes contraditórios, a exemplo de: solidão, acolhimento, tristeza, mágoa, amparo, satisfação. Qualquer que seja o sentimento ou sensação que o idoso externalize, é importante a conscientização de que o local que o abrigará, será a sua residência, sendo de fundamental importância que a organização asilar possua um quadro técnico-funcional capacitado para atender aos seus residentes, prestando-lhes uma assistência humanizada e dentro de uma visão holística, proporcionando ao idoso uma moradia digna e um envelhecimento saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei 10.741 de 1º de outubro de 2003. Brasília: 2004.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994. Brasília, 1994.

BORN, Tomiko. Cuidando do idoso em instituição. In: PAPALÉO NETTO, Matheus. *Gerontologia. A velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 1996.

LUCINEIDE XAVIER NASCIMENTO

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Tradução de Ephraim Alves e Lúcia Orth. Petrópolis: Vozes, 1996

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo - Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: 2ed. Paz e Terra, 1988.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: *O cotidiano e a história*. São Paulo: 6ed. Paz e Terra, 2000.

PY, Lígia. *Velhice nos arredores da morte: a interdependência na relação entre idosos e seus familiares*. Porto alegre: EDIPURS, 2004.

VIEIRA, E.B. *Manual de Gerontologia: um guia teórico-prático para profissionais cuidadores e familiares*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

Recebido em maio de 2008
Aprovado em agosto de 2008